

Deus, em sua infinita bondade...

(Luiz Henrique Moreira Soares)

A pele negra. Um corpo frio abandonado pelos corredores do tempo.

Lágrimas que encheriam um novo Atlântico.

Dores que não se medem.

Tamanhas dores são essas que não cabem no coração duma mãe. Quem dera que essa história de que “coração de mãe sempre cabe mais um” fosse verdade. De que adianta ter coração grande sendo que essa maldita terra rouba os filhos da gente? E a dor não tem lugar não. Ela entra pelas veias e vai corroendo o corpo todo, revirando a carne e os ossos, nos deixando totalmente à mostra, feito animais de cativeiro. É como enfiar um prego numa tomada e esperar torrar os dedos. Tenho medo de que eu possa estar me enganando. Sabe, talvez esteja eu a escrever bobagens literárias ou porras imaginárias que qualquer um inventa. Mas a dor é universal. A angústia é a chefe vigiadora das fronteiras do mundo. Fronteiras. Fronteiras entre o dedo e a tomada. Entre o prego e a rede elétrica. Dedos torrados e filhos mortos pela angústia, mães chorosas cantando canções de adeus e um mundo cheio de gente. Um mundo cheio de vazio.

A guerra não é o pior. O pior é o que vem depois. Essa tristeza em estar viva, essa indiferença que construímos de nós mesmos, dia após dia. O adeus aqui é costumeiro. Tenho dito. Eu que nada tenho a ver com isso acabo por sofrer igual. Maldição!

A porta abre. O transporte aqui de Luanda continua o mesmo desde quando me conheço por gente. Sempre lotado, nenhum espaço. Estou voltando

do trabalho e não consigo parar de pensar em Marcelina. A consciência da gente fica martelando, como se eu fosse obrigada a pensar nela e nas dores que carrega nas pernas.

Marcelina é menina educada, do tipo que nada fala e que um sorriso mexe os menores músculos da boca. É quieta, mas a gente sempre sabe o que sente. Dá pra ver no olhar miúdo dela. Está internada desde quando a malária virou matéria de jornal. Dizem os médicos daqui que se trata duma mera infecção, e que uma medicação controlada daria resultado. A omissão aqui é moeda de troca. Não consigo acreditar que seja uma infecção. A menina não anda. Está com o fêmur perfurando a carne, pesando vinte quilos. Ora bolas! Não venha me dizer uma barbaridade dessas. Não tem raios-X, nem nada. Fico pensando quando foi que caímos nesse poço de merda. Quando é que assinamos o contrato com o zoológico? Sabe, não consigo acreditar mesmo, acho que sou ateia em felicidade, ateia em amor.

Juarez, meu irmão mais velho, morreu na guerra civil desse maldito país. Minha mãe não ligou muito em encontrar o corpo, que na certa foi triturado pelas balas. Que pátria é essa que precisa morrer por ela? O adeus aqui é costumeiro, já dizia ela. E eu começo a acreditar, mesmo eu sendo ateia de tudo.

Da minha janela consigo ver juízes dirigindo lindos jaguares, filhos de juízes nadando em piscinas de petróleo, mulheres de juízes usando bolsas de diamante. Mas também vejo outras coisas. Embora eu ainda negue, eu vejo. Infelizmente eu vejo. Eu consigo enxergar minhas crianças nadando num poço de sangue e merda, sendo levadas pela enxurrada da doença e do esquecimento, sendo devoradas pelo tempo, que nada mais faz, senão passar e não voltar. Esquecer é uma dádiva de poucos.

Penso eu que poderiam injetar em seus filhos doentes, os litros de lágrimas dessas tantas mães que choram pelos corredores cirúrgicos, ao invés de gastarem o precioso dinheiro com soro fisiológico. A vida nunca valeu tão pouco.

O difícil é deitar com a cabeça tranquila no travesseiro, como se tudo estivesse em seu devido lugar. Como se eu não fosse apenas uma enfermeira solteirona, que trabalha num hospital de merda. Como se minhas contas não estivessem atrasadas, como se minha mãe não me cobrasse alguns tantos netos homens, já que seus queridos meninos foram à luta e nunca mais voltaram.

Quero entender como faço para entender. Quero entender como funciona esse esquema de esquecimento. Quero aprender a esquecer da mesma maneira que o poderio desse meu país de merda consegue me esquecer. Quero enterrar alguns fantasmas como se enterram as mulheres que não aguentam os partos prematuros. Quero ser cega para o mundo. Deus, em sua infinita bondade, deveria de dar uma cegueira de presente pra mim. É pra eu não ver, sabe. É pra eu não ver...

A curta vida de Marcelina não vira história. A página do amanhã ninguém escreve. E olhe só: página em branco. É preciso abrir covas e mais covas, ninguém tem tempo. Aí uma criança chora no berço e seu choro é abafado pela fome, uma fome de espírito que grita sem dó. Sabia eu que, no dia seguinte, teria trezentas tantas outras Marcelinas e Marcelinos, a gemer pelos corredores, feito gatos de rua, sujos e impuros. E depois eu também sei, como se fosse tradição, que restará apenas uma cova e uma mãe. Mãe é o que mais tem no mundo. Mães e covas. Muitas mães para poucos filhos. Muitos filhos mortos para poucas covas. E eu sei que quando eu chegar e colocar meus pés no hospital, procurar pelo cheiro de minhas crianças, não mais sentirei o coração delas batendo em ritmo dum trem. Anjos que sorriam com os menores músculos da boca. Eu sei que ouvirei lamentos, choros, mães se contorcendo pelos corredores, gritando pro mundo, me chamando de filha da puta. E eu não vou reagir, porque essa é a mais pura verdade. As putas não são menos mães do que as outras mulheres. Não discuto.

Sabe, fico pensando em como as coisas são engraçadas: aqui existem mais mães órfãs de filho do que filhos órfãos de mãe. Na verdade não tem nenhum nome que eu possa dar às mães que perdem seus filhos. Somos órfãos de tanta coisa... Aceitamos tanta coisa errada nesse mundo, sabe? Nascemos já com o esparadrapo costurado na boca e uma placa pendurada no pescoço escrito “pois não, sinhô!”, com etiquetas de roupas, lugares e pessoas para referenciar até o bendito e último dia de vida.

Deus, em sua infinita bondade, deveria de dar uma cegueira de presente pra mim. Talvez pudesse...

Luanda tem o mesmo sol de anos atrás.